

# Combater o Futuro: Um olhar sobre as representações "tecnofóbicas" de ciência e tecnologia na cinematografia moderna<sup>1</sup>

Paulo Furtado

(Instituto Superior de Línguas e Administração – ISLA, Vila Nova de Gaia)

**Citação:** Furtado, Paulo, "Combater o Futuro: Um olhar sobre as representações "tecnofóbicas" de ciência e tecnologia na cinematografia moderna ", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 10 (2009). ISSN 1645-958X. <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id05id164&sum=sim>>

I hate and fear "science" because of my conviction that for a long time to come if not forever, it will be the remorseless enemy of mankind. I see it destroying all simplicity and gentleness of life, all beauty of the world; I see it restoring barbarism under the mask of civilization; I see it darkening men's minds and hardening their hearts...

George Robert Gissing

## Introdução

Existe um paradoxo no âmago da resposta popular à tecnologia. Por um lado, a evolução tecnológica é vista como sinal de progresso humano: as sociedades não raramente são classificadas de acordo com o nível das suas conquistas tecnológicas. Por outro lado, são as próprias artes, a literatura, o cinema, a televisão, os jogos de vídeo, que pintam a tecnologia como ameaça ao bem-estar e à existência da Humanidade. Recorro aqui ao trabalho de Langdon Winner, que nos oferece uma declaração geral e sucinta sobre esta questão:

[T]he confusion surrounding the concept "technology" is an indication of a kind of lag in public language, that is, a failure of both ordinary speech and social scientific discourse to keep pace with the reality that needs to be discussed. "Technology", therefore, is applied haphazardly to a staggering collection of phenomena, many of which are recent additions to our world. One feels that there must be a better way of expressing oneself about these developments, but at present our concepts fail us.

One consequence of this state of affairs is that discussions of the political implications of advanced technology have a tendency to slide into a polarity of good versus evil. Because there is no middle ground for talking about such things, statements often end up being expressions of total affirmation or total denial. One either hates technology or loves it. (Winner 1977: 10)

Estas posições extremadas materializam-se na arena de antagonismo entre "tecnófilos" e "tecnófobos".

"Tecnofilia" e "tecnofobia" são dois termos que caminham lado a lado, utilizados pela Sociologia na análise da interacção do indivíduo com a sua sociedade. Caracterizam-se, grosso modo, por uma atitude de apoio entusiasta à tecnologia, profundamente contrária a outra, de medo ou aversão. Dois conceitos intimamente relacionados com as noções de "ciberfilia" e "ciberfobia", apresentadas na obra editada por Van Tassel and Van Tassel (cf. Wrege *apud* Tassel 1983) intitulada *The Compleat Computer*. A minha opção recaiu pela referência à tecnologia, ao invés da cibernética, pois parece-me mais facilmente apreensível e de aplicação mais generalizada.

Por seu lado, Badham (1984: 62) refere-se a um par de conceitos ligeiramente diferente, "tecnocrático" e "tecnofóbico". Contudo, embora o primeiro seja já um termo comum, de uso corrente, afigura-se como algo enganador, na minha opinião, pois pode sugerir que a razão favorece quem apoia a tecnologia, enquanto a pura emoção e porventura a falta de motivo condiciona os que temem ou se opõem à tecnologia. Deste modo, uma vez mais me parece que o recurso à tecnofilia e à tecnofobia representa, de modo mais equilibrado, a base de ambas as posições.

Gostaria de deixar claro que, embora estas duas perspectivas tão comuns e influentes avancem com argumentos aparentemente razoáveis, é meu entendimento que não o são de facto, pois cada qual assenta

em presunções pouco sustentáveis e formas de determinismo tecnológico, termo aparentemente cunhado pelo sociólogo e economista Americano Thorstein Veblen (1857-1929) (cf. Ellul 1964: xviii; Jones 1990: 210).

Os tecnófilos acreditam que os recursos da técnica e da tecnologia são os principais incitadores do avanço da Humanidade. Os seus adeptos pouco problematizam o capitalismo financeiro, apoiando-o e às suas demandas ideológicas sem dificuldade. A tecnofilia é adoptada por indivíduos com conhecimentos técnicos, tantas vezes concentrados na especialização do saber tecnológico, que chegam a desenvolver uma tremenda alienação da cultura em relação à máquina. Julgam que a solução para todos os problemas implica pensá-los tecnologicamente, demonstram uma “fé cega” nos feitos e nas promessas da tecnologia, sem grande olhar crítico sobre os seus impactos.

Por seu lado, os tecnófobos avaliam os diversos aspectos contraproducentes da técnica e da tecnologia e enfatizam sobretudo a passividade do Homem perante as mesmas. Alguns dos seus defensores demonstram realmente uma aversão incontrolável à evolução tecnológica, que chega ao ponto de considerarem o desenvolvimento tecnológico como fonte de diversos problemas sociais na actualidade. Esta postura, por vezes, tão radical, acaba por perder-se na irracionalidade, pois dificilmente teríamos como travar as inovações tecnológicas que nos acompanham desde os primórdios da Humanidade.

O tecnófilo provavelmente concordaria com a afirmação de Kasper: “Technological change admittedly creates frictions and adjustment burdens, but those countries that adapt most quickly will also be those that will reap the benefits that always reward pioneers (1980: 169).

Ao ataque, o tecnófobo rapidamente partilharia os sentimentos de Roberts:

Critics of modern technology broadly agree in levelling three general charges: it is too big, too centralized and too complex. It is not hard to expose the social evils to which these features lead. The workers expend their energies on fragmented tasks which have no meaning for them, in a production process generally so large-scale and intricate that it escapes the comprehension of all save a privileged few. (...) Increasingly the citizens lose any degree of autonomy, and become helplessly dependent on the centralized institutions called for by that centralized, gigantic economic machine. (Roberts 1979: 79).

Por outras palavras, o “tecnófilo” apoia veementemente o processo e o resultado, enquanto o tecnófobo os critica e rejeita duramente. A orientação só pode ser optimista ou pessimista. No entanto, sou da opinião de que nem o optimismo nem o pessimismo constituem uma resposta adequada, pois ambos reclamam conhecer demasiado, tanto sobre “o que irá acontecer”, como sobre “o que é bom ou mau”. Penso que, ao tratarmos a tecnologia como uma espécie de variável independente, estamos de facto a retirá-la do nosso controlo e, ao fazê-lo, acabamos por permitir que seja percebida dicotomicamente como uma abominação ou um verdadeiro milagre.

Em geral, sou avesso a pensamentos dicotómicos ou esquematizações que dividam os problemas em termos de “ou isto / ou aquilo” e, numa perspectiva quiçá pós-modernista, prefiro desconstruir essas polaridades. Concedo, relativamente ao domínio científico e tecnológico, que seja inevitável o posicionamento social de, a nível teórico, adoptar uma postura “a favor” ou “contra”. Veja-se o caso da Internet e da World Wide Web: ou são vistas como forças revolucionárias, descentralizantes e democratizantes que generalizam, à escala mundial, valores populares desde o Iluminismo – liberdade, igualdade, progresso, inovação –, ou, pelo contrário, são acusadas de alargarem a hegemonia de certos poderes económicos e políticos, tantas vezes associada a corporações multinacionais, governos de índole capitalista ou intervencionista, etc). Ambos os modelos ou paradigmas apresentam defeitos e são insustentáveis enquanto análises do impacto que as novas tecnologias têm na vida contemporânea. Ambos omitem uma dialéctica complexa entre liberdade e regulação que ocorre durante o uso e a apropriação de tais tecnologias. Não podemos avaliar o impacto da tecnologia em termos tão lineares ou de simples “causa-efeito”. Este tipo de pensamento – o tal “determinismo tecnológico” a que me referi anteriormente – mais não é, no meu entender, do que uma visão redutora do relacionamento entre o desenvolvimento social e tecnológico. Pensar que a tecnologia, por si mesma, é capaz de mudar o ser humano e de moldar hábitos e instituições encobre a abertura, a capacidade de aceitação e de adaptação, as contingências históricas, as formas específicas com que diferentes indivíduos, grupos e comunidades utilizam e absorvem novas descobertas, novas técnicas e tecnologias nas suas vidas diárias. Feito o esclarecimento, irei debruçar-me sobre o “pólo” mais negativo e, porventura, mais popular actualmente.

### **“Tecno-mito-fobias”**

A tecnofobia continua entranhada na sociedade moderna, assumindo diversas formas. Algumas, como o

Ludismo ou o idealismo rural utópico de Wendell Berry, não são realmente fobias. Considero-as perspectivas (em geral, negativas) políticas ou filosóficas sobre o impacto da tecnologia sobre a sociedade. Outras formas menos estruturadas são mais pessoais e reflectem as dificuldades de certas pessoas em lidar com máquinas complexas ou, de modo geral, com mudanças constantes e o ritmo acelerado da vida moderna.

Adiante-se que, do meu ponto de vista, é incorrecto culpar as pessoas pela sua incapacidade de adaptação às máquinas, pois estas deveriam ser concebidas e construídas de modo a servirem o indivíduo, com acessibilidade e simplicidade. Se não o fizerem, então a culpa será mais do engenheiro ou do *designer* e menos do utilizador. Possivelmente, a tecnofobia mais comum seria curável mudando não as pessoas mas a própria tecnologia. Sublinhe-se que esta situação conduz facilmente a um estado de frustração por parte destes indivíduos, que pode degenerar em aversão. Como nos dizem Martin e Norman: “The gifted will have immensely powerful facilities available to them in the society we visualize, while those who either do not like or do not understand the machines may become increasingly bewildered and hostile (1973: 423).

Existem ainda formas mais graves de tecnofobia. Isaac Asimov falava da hipótese de virmos a ser suplantados pelas máquinas, escravizados ou destruídos pela nossa tecnologia: “Surely the great fear is not that machinery will harm us – but that it will supplant us.”; “It is not that it will render us ineffective – but that it will make us obsolete” (Asimov 1981: 136). Argumentava igualmente Asimov que: “The ultimate machine is an intelligent machine and there is only one basic plot to the intelligent-machine story – that it is created to serve man, but that it ends by dominating man. It cannot exist without threatening to supplant us, and it must therefore be destroyed or we will be” (ibid.).

A existência de entidades tecnológicas que possam rivalizar ou suplantar as nossas capacidades abala ou, no mínimo, ameaça o nosso sentido de identidade humana. Uma excelente incubadora para a criação de “tecno-mitos”, de acordo com a designação avançada por Daniel Dinello. Dos esquemas utópicos de Sir Thomas More e Sir Francis Bacon à criação monstruosa do Dr. Frankenstein na obra de Mary Shelley; do *golem*, uma figura de barro animada originária do folclore judeu aos robôs-trabalhadores na peça de teatro R.U.R., de Karel Čapek ou à sedutora robô Maria no clássico de Fritz Lang, *Metropolis*. Daniel Dinello argumenta mesmo que estes “ícones, mitos e temas místicos” (2006: 10) assumem um papel duplo: apoiam o “tecnologismo”, ao mesmo tempo que oferecem resistência ao seu poder. Existe um impulso tecnofóbico especificamente direccionado aos novos desenvolvimentos da tecnologia. Norbert Weiner, distinto matemático norte-americano e fundador da cibernética, prometeu uma era de seres robóticos, mas também gerou uma forte e hostil contestação. Kurt Vonnegut escreveu *Player Piano*, distopia sobre um futuro próximo mecanizado. À cautela, Isaac Asimov formulou as célebres três leis do comportamento robótico. Já o filme *O Planeta Proibido* (1956) introduziu o cientista louco Dr. Morbius e um robô benigno de nome Robby. Pobre Robby, que acabou por inspirar muitos escritores de ficção científica e cineastas na criação de uma nova raça de robôs, tantos deles sinistros, com ódio à Humanidade.

Aos robôs descontrolados ou maléficos, seguiram-se os computadores. Estes engenhos electrónicos assumiam-se como um perigo ainda maior, pois evoluíam rapidamente para dispositivos cada vez mais pequenos, adaptáveis e inteligentes. Assim foi criado o “microchip” (1956). Providos de uma completamente renovada “mente artificial”, os robôs deram lugar a andróides, tornando cada vez mais difícil a distinção entre humanos e máquinas. Enquanto a tecnologia tradicional desafiava o poder mecânico, os computadores ergueram o espectro da “inteligência artificial” e questionaram a natureza e os limites da mente humana, opondo-lhe uma capacidade impressionante de acumular informação, e sabemos bem o que significa informação. Nas palavras de Hallblade and Mathews, por exemplo, “Information is power, and computers mean information. The centralized accumulation of data permits the concentration of enormous power in the hands of those with access to the computer. The very existence of sophisticated computers leads to a power gap between those trained to use and understand them and those who are not (1980: 33).

Super-computadores com mente própria dominaram a trama narrativa da obra literária *Colossus*, de Dennis Feltham Jones (1966), apenas quatro anos mais tarde adaptada ao grande ecrã com o filme *Colossus: The Forbin Project*. Por essa altura, Philip K. Dick colocava a questão: *Do Androids Dream of Electric Sheep?*, obra também adaptada ao cinema com o agora mítico *Blade Runner: Perigo Eminente* (1982). Ambos combinam a história da revolta de seres artificiais com o retrato de uma cidade esmagada pelo lixo tóxico produzido por uma tecnologia comercial.

Segue-se o reinado da “cibercultura”. Propostos originalmente pela NASA, os ciborgues ou organismos cibernéticos seriam inocentemente criados para poderem sobreviver às agruras do espaço sideral e desempenharem tarefas proibidas aos seres humanos. Contudo, rapidamente sofreram uma mutação, factual e ficcional, entre o domínio da ciência e o uso militar, mais tarde corporizados em personagens tão célebres como *The Six Million Dollar Man*, *A Mulher Biónica*, *Darth Vader*, *O Exterminador Implacável* ou *RoboCop*. Apesar do “Manifesto pelos Ciborgues”, escrito por Donna Haraway em 1985, o papel

ameaçador destes híbridos persistiu na cultura popular.

Passo seguinte: a Internet e o espaço virtual, ambas tecnologias ciberespaciais, desde a origem desenvolvidas com propósitos militaristas. Este “ciberespaço” de imediato forneceu o cenário ideal a obras como *Neuromancer*, de William Gibson (1984), *Snow Crash*, de Neal Stephenson (1992) ou, no domínio cinematográfico, a popularíssima trilogia *Matrix*. Vistos pela lente da ficção científica, os humanos, a quem era prometido um paraíso tecnológico ciberespacial e uma nova era de intercâmbio de informação sem precedentes, não passam eles próprios de máquinas, presas numa gaiola digital, sem hipótese de fuga.

Actualmente, a tecnofobia avança pelos domínios da biotecnologia, em protesto contra a modificação genética e a clonagem, essa engenharia da matéria humana prevista há várias décadas atrás em *Brave New World*, de Aldous Huxley (1932). Toca já os limites da nanotecnologia, que reduz os horrores biotecnológicos a um nível molecular, e vive aparavorada com vírus informáticos que ameaçam não só computadores, como telefones móveis e outros equipamentos electrónicos.

Em suma, a tecnofobia está firmemente instalada no colo da ficção científica literária e cinematográfica.

## O Cinema de Ficção Científica e a Visão Tecnofóbica

Os filmes de ficção científica são habitualmente de cariz científico, como é óbvio, mas também visionário, imaginativo e fantástico, recorrendo a cenários exuberantes, a um *design* de produção elaborado e especializado, engenhos de tecnologia avançada, desenvolvimentos e novas descobertas científicas ou efeitos especiais absolutamente soberbos. Completam-se com heróis épicos e vilões portentosos, planetas distantes e outros lugares fantásticos, demandas impossíveis, situações improváveis ou forças desconhecidas e inexplicáveis. Podem decorrer na Terra ou no espaço sideral, em viagens no tempo ou numa linha temporal específica, mais frequentemente no futuro.

Retratam muitas vezes a natureza perigosa e sinistra do “conhecimento” e sua aplicação. As chamadas “coisas que o Homem não deve saber” (como no clássico *Frankenstein*, 1931; *A Ilha das Almas Perdidas*, 1933; ou *A Mosca*, 1986, de David Cronenberg [adaptado da versão original realizada por Kurt Neumann em 1958]). Abordam ainda questões vitais sobre a natureza da humanidade e o nosso lugar no esquema universal, incluindo a ameaça ou perda efectiva da nossa individualidade (como em *A Invasão dos Violadores*, 1956; ou *O Condenado*, 1957), conspirações relacionadas com a exploração espacial (*Capricórnio Um*, 1978), super-computadores que ameaçam a fecundação humana (*Demon Seed*, 1977), consequências calamitosas de vacinas experimentais (*O Último Homem na Terra*, 1971 – actualizado recentemente com o êxito *Eu Sou a Lenda*), vírus e pragas criados em laboratório (*28 Dias Depois*, 2002), exploração de buracos negros (*O Enigma do Horizonte*, 1997), experiências com engenharia genética e clonagem (*Gattaca*, 1997; ou *A Ilha*, 2005), ou misteriosos e fascinantes organismos microscópicos, ou monstros mutantes gigantes, criados por cientistas loucos e incautos ou por acidentes nucleares (*O Monstro do Mar*, 1953).

Um patamar acima, as histórias destes filmes possuem muitas vezes uma natureza profética, tentando antecipar e representar o futuro, instalando-se assim numa linha temporal futura e especulativa ou extrapolativa. Habitualmente, a perspectiva é sombria, apoiada numa visão distópica de um mundo cinzento, confuso, decadente e desconfortável. É comum que os filmes de ficção científica expressem a ansiedade social relativamente ao uso excessivo e inapropriado da tecnologia, bem como à previsão e controlo do impacto tecnológico e ambiental sobre a sociedade contemporânea. Em *Metropolis* (1927), o avanço tecnológico esconde uma população escravizada e um mundo inapelavelmente atingido pelos efeitos da industrialização; em *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro* (1956 e 1984) temos o retrato perfeito de uma sociedade despótica, dominada por um “Big Brother”; em *A Hora Final* (1959), a tragédia nuclear num mundo pós-apocalíptico; uma visão de um eco-desastre em *O Cosmonauta Perdido* (1972); andróides fora de controlo em *O Mundo do Oeste* (1973); um aviso claro e realista sobre um futuro não tão distante da catástrofe ecológica em *À Beira do Fim* (1973); um segredo chocante por trás da perfeição doméstica das esposas de Stepford, em *Mulheres Perfeitas* (1975 - 2002); ou ainda o futuro em 2018, onde uma corporação sem escrúpulos tem o controlo supremo e a única forma de escoar a raiva e frustração das massas é com um desporto bárbaro, em *Rollerball - Os Gladiadores do Século XXI* (1975 - 2002).

A ficção científica expressa ainda o potencial da tecnologia para destruir toda a Humanidade através de eventos apocalípticos, guerras entre mundos ou encontros e desastres que colocam a Terra em perigo (*O Dia em que a Terra Parou*, 1951 – 2008; *Quando os Mundos Chocam*, 1951; *A Guerra dos Mundos* 1953 – 2005; *Impacto Profundo*, 1998; *Armageddon*, 1998; ou *O Dia Depois de Amanhã*, 2004). Em muitas histórias de ficção científica, humanos e seres alienígenas surgem em palco como protagonistas de um combate mítico levado a novas e metafóricas dimensões ou planos de existência. Um combate eterno, travado entre forças do Bem e do Mal, por arquétipos e guerreiros reconhecíveis (*O Planeta Proibido*, 1956, com referências ao “id monster” da peça *A Tempestade* de William Shakespeare; a grande ópera espacial

A *Guerra das Estrelas*, 1977, com nobres – e menos nobres – cavaleiros e uma princesa num reino espacial à espera de ser salvo; *O Quinto Elemento*, 1997; ou o metafísico *Solaris*, 1972 - 2002). A partir dos anos 80, o cinema de ficção científica começou a ser febrilmente povoado por filmes mais sombrios, de índole *cyberpunk*, com personagens que incluem ciber-guerreiros, *hackers*, sonhadores e tóxico-dependentes, entre outras figuras desagradáveis do submundo, em locais de pesadelo (*Blade Runner – Perigo Iminente*, 1982; *Estranhos Prazeres*, 1995; *Johnny Mnemonic*, 1995; ou *Matrix*, 1999).

O cinema incorporou ainda a experiência visual e física do ciberespaço – descrita na literatura de ficção científica como espaços virtuais –, por exemplo, em *Osmose*, de Char Davies (1995), quer no padrão narrativo e ficcional do filme, quer através de interfaces que permitem visualizar personagens; em *Relatório Minoritário* (2002), na sua interacção directa com imagens do passado, do presente e do futuro, captáveis por um ecrã transparente; em *Johnny Mnemonic* (1995), com base na obra de William Gibson, onde um dispositivo permite a transmissão de dados entre homem e máquina; ou ainda, em *Estranhos Prazeres* (1995), em que esses dados passam de uma pessoa para outra. Isto mostra sem dúvida o leque tremendamente alargado que o cinema de ficção científica consegue abarcar quando toca a visões tecnofóbicas do futuro.

## Conclusão

A meu ver, “Ciência”, “cientistas” ou “tecnologia” constituem temas algo abstractos para serem representados no grande ecrã. A ficcionalização é uma forma de contornar os problemas de representar o mundo do conhecimento e adaptá-lo às regras e aos constrangimentos do drama visual. No entanto, a preocupação existente com o desenvolvimento de elementos ficcionais é também uma forma de expressar a “mística” da produção de novo conhecimento. A Ciência é associada a um futuro desconhecido ou incerto, tornando-se alvo de projecções eutópicas e/ou distópicas. A própria Ciência é retratada, normalmente, num estado de desenvolvimento ficcional, para além das suas actuais fronteiras em termos de pesquisa e conquistas tecnológicas. Se olharmos atentamente para a matéria-prima desta Ciência ficcional ou semi-ficcional, é visível que as projecções de futuro a ela associadas se configuram essencialmente como distopias ou, pelo menos, como utopias extremamente ambivalentes. Muitos filmes lidam com formas de vida artificiais, sobrenaturais, humanas, animais ou extra-terrestres. Com clonagem, reanimação e imortalidade. Com pragas e curas, armas super-avançadas, viagens no tempo e uma miríade de dispositivos tecnológicos. Visões sobre a Ciência e a Tecnologia claramente dominadas por preocupações com a manipulação de vida humana e animal.

A ambivalência quanto à natureza potencialmente ameaçadora ou mesmo desastrosa do conhecimento científico e do engenho técnico que advêm destas visões encontra-se, em grande medida, patente no combate entre o progresso científico e os valores éticos. Num grande número de filmes, os valores éticos são desafiados, destabilizados ou entram em conflito directo com a Ciência retratada no argumento. As disciplinas mais problemáticas a este nível ético são, na minha perspectiva, a pesquisa clínica, a física, a química, a genética, a psicologia e a biologia, mas também a antropologia, a astronomia e mesmo as humanidades.

Podemos assim afirmar que os nossos receios e expectativas são projectados para a tela do cinema como suspeitas e esperanças quanto à evolução dos vários domínios da Ciência intimamente relacionados com o melhoramento, a manipulação, a expansão e o término da vida, seja ela a nossa ou a do restante planeta. Os filmes a que aqui me refiro, tal como a Literatura, conferem expressão a esses sentimentos. O seu conteúdo é largamente impelido pela temática da criação de novo conhecimento, as suas fronteiras e os perigos latentes de violar essas fronteiras. Talvez seja demasiado optimista esperar algo mais de um cinema tecnofóbico do que avisos sobre o que pode acontecer, caso não sejam tomadas medidas de controlo, mas sem esses avisos as energias transformadoras da Ciência, nas suas diversas facetas, poderão parecer descontroladas, sem rumo definido. Estes filmes ajudam-nos a fazer uma pausa para reflexão, contextualizando-nos historicamente e institucionalmente, por mais fantásticas, cruas ou regressivas que sejam as visões que nos despertam. Tornam mais visível aquilo que apenas seria aparente e, por vezes, mesmo inacreditável a uma consciência toldada pela ilusão.

Tomemos como exemplo o fim da Guerra Fria. Um momento a todos os níveis eufórico, que prometeu ao mundo mais segurança, paz e tranquilidade. A restituição do amor ao seu lugar de poder, no âmago de uma sociedade renovada, florescente, liberada de medos e mais convicta de si mesma. Foi impossível não nos regozijarmos com a aparente eliminação de muros e divisões, com a mitigação do armamento bélico e da ameaça nuclear. Até mesmo com factores acessórios, como o acesso mais rápido e alargado à informação, a crença de que o perigo do aquecimento global seria evitado por várias décadas e a perspectiva de anos dourados economicamente. Hoje, somos colectivamente forçados a admitir que errámos nessa expectativa/esperança e que a capacidade de as nossas crianças amarem e florescerem

poderá estar seriamente minada pela multiplicação de novas (e velhas) ameaças. Ao longo dos quarenta anos que durou a Guerra Fria, a civilização como a conhecíamos parecia conviver paredes-meias com o extermínio total. Agora, não faltam indicadores de que teremos de viver com uma ansiedade tão cancerígena como aquela que havíamos deixado para trás, embora talvez menos acutilante e mais subtil.

Ora, este sentimento perpassa também o domínio da Tecnologia e da Ciência. O próprio significado da expressão “sociedade tecnológica” não é consensual e deve ser claramente posto em causa. Tomámos consciência não só das respostas polarizadas ao uso e desenvolvimento da tecnologia, as quais geram e consubstanciam versões eutópicas e distópicas do nosso futuro, mas também fomos recordados da irracionalidade de tratar a tecnologia como um todo não diferenciado.

Acredito que, na linha da frente deste “combate ao futuro”, pelo futuro, escritores e cineastas sejam capazes ou continuem a tentar revelar a forma como esta nova atmosfera de temor nos afecta no presente e nos poderá afectar em tempos vindouros. Tal como acredito numa crescente recuperação das visões e dos mitos presentes na literatura e no cinema de ficção científica para análise e reflexão sobre a nossa condição humana. A análise mais detalhada da representação e compreensão destes mitos, no sentido de contribuir para uma melhor elucidação das suas origens e manifestações, é um dos principais objectivos da tese de doutoramento a que me tenho dedicado.

### Referências Bibliográficas

Badham, R. (1984), “The Sociology of Industrial and Post-Industrial Societies,” *Current Sociology*, vol. 32(1).

Dinello, D. (2006), *Technophobia! Science Fiction Visions of Posthuman Technology*, Austin, University of Texas Press.

Ellul, Jacques (1964), *The Technological Society*, New York, Vintage.

Haraway, Donna (1991), “A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century,” in *Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature*, Nova Iorque, Routledge.

Hallblade, S. and W. M. Mathews (1980), “The Computer and Society,” in *Monster or Messiah*, ed. W.M. Mathews, Jackson, Mississippi, University of Mississippi.

Jones, B. (1983), *Sleepers, Wake! Technology and the Future of Work*, Oxford, Oxford University Press.

Kasper, W. et al. (1980), *Australia at the Crossroads: Our Choices to the year 2000*, Sydney, Harcourt Brace Jovanovich.

Martin, J. and A.R.D. Norman (1973), *The Computerized Society*, Harmondsworth, Penguin Books Ltd.

Roberts, A. (1979), “Technology as Hope and Threat,” *Arena*, No.53.

Winner, L. (1977), *Autonomous Technology: Technics-out-of-control as a theme in political thought*, Cambridge, Massachusetts Institute of Technology.

Tassell, D. L. Van and C. L. Van Tassell (1983), *The Compleat Computer*, Chicago, Science Research Associates, Inc.

---

### Nota

<sup>1</sup> Este texto é uma versão alargada do artigo apresentado e publicado em acta (ISBN 978-972-789-298-3) no âmbito do CIANTEC 2009 - III Congresso Internacional de Arte, Novas Tecnologias e Comunicação - Arte, Tecnologia e Comunicação: Novos Territórios do Conhecimento. Universidade de Aveiro, 2009, pp. 254-258.